



V.21 nº45 (2025)

REVISTA DA  
**AN  
PE  
GE**

ISSN 1679-768X

a

**ANPEGE**

---

Associação Nacional  
de Pós-graduação e  
Pesquisa em Geografia

REVISTA DA  
**AN  
PE  
GE**



ENTREVISTA

**Entrevista  
geógrafa  
Conceição**

**realizada com a  
Alexandrina Luz**

*Interview conducted with geographer Alexandrina Luz Conceição*

*Entrevista realizada a la geógrafa Alexandrina Luz Conceição*

DOI: 10.5418/ra2025.v21i45.20992

**CLAUDIO UBIRATAN GONCALVES**

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

**ANA ROCHA DOS SANTOS**

Universidade Federal de Sergipe (UFS)

**JOSEFA DE LISBOA SANTOS**

Universidade Federal de Sergipe (UFS)

**MÔNICA COX DE BRITTO PEREIRA**

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

**V.21 n°45 (2025)**

e-issn : 1679-768X

**Entrevista realizada com a geógrafa Alexandrina Luz Conceição**

Esta entrevista foi realizada em Aracaju, Sergipe, Brasil, no dia 27 de janeiro de 2025. Numa calorosa e luminosa manhã de segunda-feira aportamos na residência da nossa entrevistada com um roteiro pré-estabelecido e algumas ideias articuladas em mente. Entretanto, a entrevista assumiu um tom de conversa que nos permitiu conhecer mais da pessoa Alexandrina e fomos guiados pela sua memória do tempo através de uma trajetória de vida pouco linear e de sua experiência na militância política que atravessou os movimentos de Igreja, passando pela POLOP com importante atuação na resistência à Ditadura civil-militar até a fundação do Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Sergipe (SINTESE). Participaram deste momento como entrevistadoras e entrevistador: Josefa de Lisboa Santos, Ana Rocha dos Santos, Mônica Cox de Britto Pereira e Claudio Ubiratan Gonçalves. Foi um pouco mais de 02:00 horas de entrevista regada a um excelente café que nos inspirou na escuta e nas indagações que fizemos para conhecer um pouco mais desta mulher baiana de origem, e sergipana por opção. Alexandrina Luz Conceição vive em Aracaju desde o ano de 1970 e iniciou sua vida profissional como professora na rede estadual de ensino em 1972. Recebeu o título de cidadã sergipana pela Assembleia Legislativa de Sergipe em 2004 e de cidadã aracajuana pela câmara municipal de Aracaju em maio de 2024. Possui graduação em Geografia (1973) e mestrado em Geografia (1991) pela Universidade Federal de Sergipe, doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (2001). É professora emérita da Universidade Federal de Sergipe e foi Presidenta Nacional da Associação dos Geógrafos Brasileiros na gestão 2008 – 2010. Foi Professora do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Sergipe até o ano de 2006. Atualmente é Professora do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Sergipe. Coordena o Grupo de Pesquisa Estado, Capital, Trabalho e as Políticas de reordenamentos territoriais. (Blog: <https://www.grupogpect.org/>). Também é consultora da Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe. Após apresentada a nossa entrevistada, vamos a entrevista!



Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

**Claudio Gonçalves:** Vamos iniciar a entrevista. Estamos aqui com a Alexandrina Luz Conceição, Josefa Lisboa, Ana Rocha, Monica Cox e eu - Claudio Ubiratan, para conversarmos um pouco da trajetória da geógrafa Alexandrina, esse caminho - essa caminhada - desde que você, vamos dizer assim “veio ao mundo”, ainda como não geógrafa [risos]. A menina, a pessoa que nasceu, porque pelo pouco que nós sabemos você é baiana, veio da Bahia, como foi esse primeiro momento na Bahia com seus pais, com seus irmãos, enfim, e como isso tem a ver, como foi sendo despertado esse gosto pelo estudo, pela leitura, essa curiosidade, a gente começa por aí... Essa Alexandrina criança, menina, moça, adolescente, mulher...

**Alexandrina Luz:** Deixa-me te dizer, Bira, eu até já falei um pouco da minha vida com Ana<sup>1</sup>, não foi Ana? Eu nasci em Salvador/Bahia, uma marca da minha nascença, digamos, foi que dois meses e meio depois do meu nascimento minha mãe faleceu, então eu fui criada por meu pai - meu pai assumiu os 7 filhos, sendo que a mais velha ficou com 9 anos e eu com 2 meses e meio. Minha tia Amália - que era tia dele - deu uma força muito grande na nossa criação - meu pai não casou e assumiu a vida inteira a educação e a vida da gente. Como a grande influência na minha família é de professor, porque meu avô (pai de meu Pai) era professor de francês, foi fundador do Liceu de Arte e Ofício – Bahia (criado em 1872); minha tia Amália era também professora, e sua Irmã minha tia Urania (não a conheci), quando eu nasci, ela já tinha falecido, as duas fundaram o Colégio Patronato São Vicente de Paula. Minha tia Amália tinha muito orgulho de ser professora. Eu acho que esse orgulho de ser professora vai influenciar também minha formação. Ela e minha tia Urania foram bastantes pressionadas no último ano de sua formatura, para desistirem de se formarem por serem mulheres - minha tia Urania não chegou a se formar, já minha Tia Amália foi inicialmente reprovada (no último ano), então exigiu uma nova banca e foi aprovada, formando-se com muito orgulho como professora.

**Claudio Gonçalves:** Isso era que ano, Alexandrina?

**Alexandrina Luz:** Eu não sei exatamente. Deve ter sido na primeira década do século XX, uma vez que ela fez 50 anos de professora no final da década de 1950.

**Claudio Gonçalves:** Exatamente isso, a gente está falando da primeira década de 1900? Só para situar o tempo-espacó.

**Alexandrina Luz:** Foi bem antes do meu nascimento. Quando eu nasci minha tia já era aposentada.

**Josefa Lisboa:** Você estudou onde?

---

<sup>1</sup> Vide Santos, 2020.

**Alexandrina Luz:** Eu fui estudar no Patronato São Vicente de Paula, era uma escola pública, financiada pelos Vicentinos, como era perto da minha casa, e as tias foram fundadoras, com exceção da minha irmã mais velha todos nós estudamos no São Vicente de Paula. A Diretora Dona Guilhermina tinha sido aluna delas, então as filhas de João tinham um certo privilégio. Contudo nós não aceitávamos. Nós éramos muito protegidas, nós éramos colocadas como: “as exceções”, as Filhas de João. Em relação a maioria dos nossos colegas “éramos ricas”. Eu nunca fui rica, meu pai era contabilista das Docas da Bahia. Ele era “Fiel”, eram poucos fiéis, em todas as Docas da Bahia (eram os responsáveis pela contabilidade) – responsável pelo controle (entrada e saída dos produtos do Porto de Salvador). Nós éramos de fato muito privilegiados, nós tínhamos um pai que botava a gente para ler, para estudar, e uma tia que acompanhou nossa alfabetização, enquanto a maior parte dos nossos colegas era pobre, alguns muito pobres, muitos filhos de imigrantes que chegavam em Salvador para a construção, na década de 1950 e 1960, da cidade de Salvador. Acho que essa situação foi a consolidação da minha consciência política de definição de classe, da luta de classe. Eu nunca admiti a desigualdade, acho que isso foi muito forte para mim. Lembro quando Dona Guilhermina, Dona Mariinha no final das aulas, ao meio-dia, dizia: quem roubou, por exemplo, o livro, ou lápis, a borracha etc. de Fulano de Tal?!, enquanto não aparecer todos de cabeça baixa: com exceção os filhos de João, aí eu abaixava a cabeça. Eu nunca aceitei [a distinção], eu acho que esse sentido da luta pela justiça, pelo direito da igualdade foi muito forte em mim. Estudei lá no São Vicente, fiz o primário lá no São Vicente - eu sempre estudei em escola pública, no ginásio estudei no Colégio Estadual Goes Calmon, depois do Goes Calmon eu entrei, na época da ditadura (no início da ditadura) no Colégio Central da Bahia. No Colégio Central da Bahia, no primeiro ano cursei o Científico, eu era muito ligada à matemática, eu gostava muito da área exata, mas também sonhava em fazer Medicina ou Enfermagem, só que eu fui fazer um exame vocacional e o resultado é que minha vocação deveria ser profissões das áreas mais voltadas a humanas e assistência social, aí no segundo ano eu já fui para o Clássico. Na época o ensino Médio compreendia o Científico e o Clássico, aí eu tive que cursar as disciplinas voltadas a área de “línguas clássicas vernáculas”, que era o latim, o inglês, o português, francês, história, geografia... Tive que cursar Sociologia, Filosofia, História e Geografia, e eu não suportava a Geografia, eu tinha horror a geografia! Pelos péssimos professores que eu sempre tive de geografia. Eu tinha aversão aquela geografia decorada, na minha época era toda decorada. E então, foi quando eu tive um professor de geografia humana - só que eu sempre gostei de ler muito. O primeiro livro que eu li, eu tinha 7 anos, eu li “A Geografia de Dona Benta”, coincidência né? [risos]. Monteiro Lobato hoje é rechaçado, mas na minha época era a formação que nós tínhamos enquanto crianças, era ler Monteiro Lobato, aí li A Geografia de Dona Benta, mas também tinha horror por causa desse livro, que eu fui forçada a ler pelo Meu Pai, nas minhas férias. Tive que ler e tive que dizer a Ele o que tinha lido. Mas eu era apaixonada pela leitura porque, minha tia Amália gostava muito de leitura, e minha irmã mais velha lia toda noite para ela. Eu ficava no colo de minha tia, então, eu criei essa relação com a leitura. Lá em casa, como nós éramos 7 e a casa era grande, meu pai se preocupava muito conosco, porque ele trabalhava o dia inteiro, e incentivava nossa União. Aí

a gente foi muito coletivo, nós formamos um Clube de leitura, meu irmão João lia para nós três menores. Lembro quando eu tinha 7 anos, de meu irmão lendo Victor Hugo - “Os Miseráveis”. Então, essa relação do clube de leitura, da gente poder ouvir, isso levou a gostar muito de ler – então foi com prazer que deixei o Curso Científico e fui para o Curso Clássico. Lembro que esse meu Professor de Geografia Humana, não ensinava aquela geografia descritiva e colocava para a gente ler livros como “Brasil, País do Futuro” – de Stefan Zweig, e eu fiquei encantada, como eu já tinha lido o livro, porque meu pai tinha uma excelente biblioteca, foi o que mais me estimulou! Quando minha mãe morreu, ele passou a formar uma biblioteca para a formação da gente. Vivi a minha adolescência dentro da biblioteca.

**Claudio Gonçalves:** Dos 7 filhos...

**Alexandrina Luz:** 5 mulheres e 2 homens.

**Claudio Gonçalves:** Dos 7 filhos você era?

**Alexandrina Luz:** A menor, a caçula. Com 2 meses e meio minha mãe morreu, por isso essa influência muito grande dos meus irmãos mais velhos, todo mundo gostava de estudar, isso leva que eu também goste de estudar. Agora, eu gostava muito mais de ler romance, gostava muito, tudo que eu via (com letras), eu lia, tudo! Li muita coisa, eu acho que quando eu tinha 15 anos, eu já tinha lido basicamente uma boa parte da literatura brasileira e internacional, principalmente francesa, que tinha muita influência lá em casa (meu Pai adorava francês). Interessante, que quando eu fui para o terceiro ano clássico foi só então que eu descobri a leitura marxista. Nesse período a UNB estava sendo ocupada pela intervenção militar e alguns professores foram expulsos e saíram de Brasília para dar aula no ensino médio, como Professor Bonifácio. Ele foi dar aula de história econômica, no Central da Bahia. Embora eu tivesse sido uma boa aluna de história até aquela época, eu não conhecia ainda nada em relação a uma leitura crítica, quando Bonifácio veio, ele passa para gente, é aí que eu vou conhecer Caio Prado, Nelson Werneck, Celso Furtado, principalmente o Caio Prado, e eu ainda estava no terceiro ano (ensino médio). Eu tive que estudar muito a história econômica eu me lembro inclusive do encilhamento de ler no livro de Caio Prado: História Econômica, o capítulo: O Encilhamento (a crise econômica pós República em 1889), eu tive dificuldade na leitura, mas meus amigos do PCB, me ajudaram a fazer uma leitura diferenciada e foi aí que eu comecei a comprar livro, porque embora meu pai tivesse uma biblioteca riquíssima, eu não tinha livros voltados a leitura marxista, então, eu passei a comprar livros de história, da filosofia existencialista e marxista. Na biblioteca de Meu Pai o autor considerado marxista, (ele tinha a coleção [que por sinal li toda] – e adorava) era Érico Veríssimo, considerado na literatura por muitos, marxista.

**Josefa Lisboa:** Isso é dos seus 17, 18 anos, né?

**Alexandrina Luz:** Sim 17... 18 anos.

**Josefa Lisboa:** Final do ensino médio.

**Alexandrina Luz:** No último ano, no terceiro ano. E aí, a primeira nota que tive - eu era aluna de 10 em história, só que a história que eu dominava, era positivista, aí quando eu tive que ler Caio Prado, a primeira prova, tirei seis, fiquei horrorizada! Aí eu meti as caras, comecei a comprar meus livros, fui comprar meus livros na Civilização Brasileira ou na livraria Pindorama, que eram duas livrarias voltadas à leitura de esquerda. Pronto, eu passei a iniciar e até hoje eu tenho livros dessa época na minha estante. Eu comecei a comprar livros, muitos de história, e ter uma leitura crítica, a partir daí. Desde o segundo ano – ao lado do pessoal do PCB, principalmente, entrei em diversos grupos: Grupo de teatro, grupo de Jornal e eu participava destes. Era uma censura muito grande nessa época. E entrei também para um curso de Teatro no sábado à tarde (no Central da Bahia).

**Josefa Lisboa:** Isso já é a primeira, segunda metade dos anos 1960...

**Alexandrina Luz:** Isso, já é 1965 e 1966.

**Josefa Lisboa:** No terceiro ano você já leu Caio Prado, mas você já participava de alguma forma de movimentos que já eram mais subversivos, né isso?

**Alexandrina Luz:** Eu era ligada ao pessoal do PCB e da AP, mas eu não participava de Partido nesta época. A ditadura militar era pesada. Em 1964 em Salvador, a repressão foi feita a partir da Petrobras, sindicatos, contra os operários. Eu entrei no movimento político estudantil, Josefa, em 1966 – 1968, mas de fato na época eu não era de Partido. O pessoal do PCB queria que eu entrasse, mas eu tinha uma certa preocupação - porque eu adorava meus colegas, mas eu era muito estudiosa, daí porque, (em 1966) eu entrei na POLOP (Organização Revolucionária Marxista Política Operária), embora eu fosse muito ligada amiga da turma do PCB. Eu participei de uma peça de teatro em contraposição ao ensino, à escola, ao ensino (peça de teatro escrita por Carlos Sarno), na época não assumíamos quem escreveu, dizíamos que era o coletivo (todo Grupo de Teatro), por causa das perseguições que passamos a ter. A peça intitulava-se: “Aventura e Desventuras de um Estudante<sup>2</sup>”, tanto que existe um livro de Emiliano José, que ele escreveu: Galeria F – Lembranças do Mar Cinzento, que ele afirma que, o nosso movimento estudantil que ocorreu no Central da Bahia – quando 07 alunos foram expulsos como marxista leninista (eu fui uma das sete), foi o movimento que revolucionou e deu início na ditadura ao Movimento Estudantil local e nacional. Qualquer um acha. “Galeria F”, é o nome do livro de Emiliano José, ele fala do movimento de 1967-1968. A Galeria F era uma das celas, onde passaram vários presos, inclusive Dilma Rousseff, a primeira parte do livro, ele vai exatamente falar do nosso movimento. Essa peça de fato é uma crítica muito forte, até hoje, se você ler, é uma peça bem atualizada na crítica a

<sup>2</sup> Sobre a peça teatral consultar: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/5399>

educação-ensino - é sobre um estudante que vem do interior para Salvador, para fazer direito, os pais apostam em ele ser advogado, doutor, e ao chegar no Central da Bahia, ele não encontra nada daquilo que projetou, e sim a burocracia que era intensa na época da ditadura militar. Para a gente entrar e fazer o ensino médio no Central da Bahia (a única do ensino médio pública) era muito difícil, era um cerceamento muito grande. A gente só podia entrar se tivesse por exemplo atestado de bons antecedentes.

**Josefa Lisboa:** Alguma carta de recomendação?

**Alexandrina Luz:** Era uma espécie de carta de recomendação, sim Josefa, onde três professores, inclusive se possível catedrático, tinham que assinar como responsáveis pela matrícula do estudante. No meu caso, a minha sorte, foi que meus irmãos mais velhos eram bons alunos e os professores assinaram essa carta para mim. Porém, a maior parte das pessoas que queriam entrava, era muito difícil. A peça, eu era artista né [risos], fui proibida de ensaiar e sequer apresentar - nós chegamos a apresentar somente uma vez no Colégio Central da Bahia; No dia seguinte ao chegarmos no Central fomos recebidos com a expulsão; Fomos 07 expulsos, na ditadura a palavra não era “expulso” naquela época, era chamada “suspensão *ex officio*”, a suspensão “*ex officio*” não era, aparentemente, uma expulsão, mas “*ex officio*” significava não poder estudar em nenhuma escola da rede pública do Estado, aí, evidentemente que, naquela época a escola privada - a chamada escola particular, a maior parte, era chamada de “pagou, passou”, só as escolas de ricos, eram: Maristas, Viera, Sophia Costa Pinto (este para as filhas da classe média alta e rica). Bom lembrar o seguinte, quando eu cheguei no Central da Bahia, foi a primeira vez que eu vou para uma escola onde tem salas mistas, até aquele momento as salas eram separadas, sala de menino e menina. Ao sermos expulsos, sem direito a estudar, é aí que inicia nosso movimento estudantil secundarista, que segundo Emiliano, foi o que deu toda a possibilidade de abrir o movimento estudantil da Bahia e do Brasil, porque havia o movimento nas universidades, mas não se estendia para as ruas, foi quando fomos chamados a apresentar a peça no restaurante universitário. Após a apresentação todos os presentes caminharam em solidariedade, contra nossa expulsão para a rua. Ocorre que naquela época Juraci Magalhães era o embaixador do Brasil nos EUA, e ao passar de carro pela passeata Juraci provocou os estudantes, então um determinado estudante, jogou pedra no carro da embaixada. Esse acontecimento foi o estopim para a grande explosão do movimento estudantil e ao mesmo tempo uma intensa perseguição militar contra principalmente os sete expulsos. Eu fui, inclusive depor (tortura psicológica) no Quartel General da 6ª Região Militar.

**Josefa Lisboa:** Com quantos anos?

**Alexandrina Luz:** Acho que 19 anos.

**Josefa Lisboa:** É, terceiro ano, deve ser uns 18 anos.

**Alexandrina Luz:** Na Bahia tínhamos uma situação diferenciada, porque aqui em Sergipe vocês só tinham até a quarta série, né? Na Bahia não, porque nosso modelo era de Anísio Teixeira. Eu fui formada desde o primário no modelo da Escola Nova de Anísio Teixeira. Anísio foi na minha época “Secretário de Educação”, na época não se chamava secretário (não lembro). Era um modelo muito voltado à formação intelectual e manual. No meu ginásio a formação manual compreendia também aulas teóricas (com prova oral), inclusive com reprovações, aulas de canto orfeônico, trabalhos manuais, por exemplo. Então, nós tivemos aulas até a quinta série, então ao invés de fazer em 8 anos (todo o ensino primário e ginásial) eu fiz em nove anos.

**Josefa Lisboa:** Então tinha 19 anos...

**Alexandrina Luz:** Nessa faixa, eu sou de 1947, para 1966 dá 19, exatamente.

**Josefa Lisboa:** É isso aí, porque estamos pensando na relação da ditadura com o estudante secundarista, não eram só os universitários.

**Alexandrina Luz:** É aí que se inicia o movimento secundarista e leva o universitário, é isso que Emiliano José, não sou eu, diz, é a história, como fonte, que vai dizer. Porque quando a turma vai para o restaurante universitário, a peça vai para lá, é que irá retornar com força o movimento estudantil, movimento em massa de rua, é nessa passeata de saída que os universitários aproveitam e se juntam com nosso movimento. Então teremos o Grande Movimento conjunto nas ruas de Salvador/ Bahia. Depois eu mostro a vocês o livro...

**Claudio Gonçalves:** Então você já era militante do movimento secundarista?

**Alexandrina Luz:** No movimento, mas eu não era de partido, eu não era de nenhum partido, vamos ser honestos, eu não era. Os partidos queriam que eu entrasse (PCB e AP), eu participava de várias atividades com eles, mas não pertencia. A gente ia para filmes de artes, tinha muitos em Salvador, íamos para a reitoria que fazia muitas atividades artísticas, com muitas apresentações da Orquestra Sinfônica da UFBA. A gente discutia muito, lia muitos livros, havia muitos debates políticos, inclusive ainda eu nunca tinha lido Marx, eu não vou mentir, né. Eu já tinha lido tudo que vocês podem imaginar, já tinha lido Kafka, já tinha lido Simone de Beauvoir, Sartre, todas as obras de Sartre eu já tinha comprado e lido, eu já tinha lido anteriormente Schopenhauer, Kierkegaard, já tinha lido Nietzsche, mas Marx, Engels, Lênin eu ainda não tinha lido. Eu fui da Ação Católica, eu ainda não tinha falado disso, no ginásio eu entrei na JEC, é porque é muita história [risos]... Eu não tenho uma vida muito linear, não [risos]. A JEC é a Juventude Estudantil Católica, que faz parte de um movimento surgido na França, chamado de movimento católico, muito acoplado à filosofia cristã humanista (misto de Aristóteles e Thomás de Aquino), mas com uma visão mais política de defesa da democracia. Eles buscam um pouco o existencialismo cristão, na realidade, o existencialismo tem a parte materialista com Sartre, mas me refiro ao essencialismo - esse

existencialismo é mais fenomenológico, mais cristão. A raiz está no maritanismo de Jacques Maritain, Raissa Maritain, eram católicos. Esse movimento católico, no seu caráter mais político surge após a segunda guerra mundial, quando a população na França estava sem esperanças, acreditando numa terceira guerra. A igreja católica então vai criar os Movimento: JAC, JEC, JIC, JOC e JUC. A JAC era o pessoal da agrária, agrícola; A JEC, era estudantil, secundário/ ginásio e ensino médio. A JIC era independente, aqueles que já se formavam (principalmente os universitários), o que eram chamados liberais; JOC eram os operários; e JUC eram os universitários. Lembrando que esses movimentos eram católicos humanistas, não se colocavam em confronto (com raríssimas exceções) direto contra a ditadura militar, embora não tivessem a visão mariana (conservadores), os seus fundamentos eram contra o comunismo. É importante observar que por dentro da Igreja você ainda tinha uma força muito grande conservadora. A visão revolucionária da igreja será feita pela Teologia da Libertação.

**Alexandrina Luz:** Por exemplo, eu tive um problema sérrissimo, eu era da JEC, *quando que eu saí da igreja...* Eu inclusive era dirigente da JEC, então eu tive problemas muito grandes na JEC, por exemplo, a JEC era separada: JEC feminina e JEC masculina. E eu, organizei reuniões na minha casa de forma conjunta pela junção da JEC feminina e masculina, para se contrapor a essa estrutura. Se nós tínhamos um programa de ação relativamente conjunta durante a semana, como aceitar realizarmos ações de forma separada? Eu era do movimento, mas era um movimento mais católico/humanista do que político. Hoje equivaleria dizer pensar a partir das ideias do Papa Francisco, mas havia muita reação na igreja. A ação católica feminina tinha seu dirigente mais ligado a ordem das Sacramentinas (freiras) e os homens, JEC-M estava com os beneditinos e a gente fazia as reuniões tudo lá no São Bento, quem tinha muita força com a gente era os beneditinos. Quando Dom Jerônimo vem para Bahia, ser o abade do mosteiro de São Bento, ele, então, tem uma visão mais avançada, progressista, mas no fundo ele concilia também. As nossas leituras [a gente lia muito], a leitura da igreja era muito para a caridade, para o bem, para a igualdade, mas voltadas sempre para uma visão cristã, e não uma visão marxista. Eu rompi com o movimento cristão porque eu quis fazer uma Páscoa, (eu estava no 2º ano) e queria fazer a páscoa no Central da Bahia, e os padres achavam que não era o momento, porque a TFP a Tradicional Família e Propriedade estava dentro do Central, eles achavam que não era o momento de eu fazer páscoa na medida em que era melhor evitar uma páscoa, porque nossa páscoa era mais avançada, não era apenas a comunhão tradicional, mas a Páscoa de mudança, naquela época nós tínhamos de certa forma influência muito grande de Paulo Freire.

**Alexandrina Luz:** Resultado... era muito freiriano, era o sentido da transformação.

**Claudio Gonçalves:** Já era uma teologia da libertação, né? Começando?

**Alexandrina Luz:** Depois vai melhorar muito, mas só na década de 1970 com a Teologia da Libertação, na América Latina. É que vai avançar. Até aquele momento a igreja ainda estava muito sem saber que posição tomar. Com a Encíclica *Mater et Magistra* de João XXIII, o

Papa avança em demasia, eu era apaixonada por ele, em nome dele, dentro da visão dele que ele exigia a Páscoa de libertação dos oprimidos – a opção pelos pobres. Mas estávamos em um período militar de opressão muito forte, acredito hoje, que a Igreja tenta conciliar. Então, a Igreja do São Bento não me apoiou, quem me apoiou foi um Pastor Protestante (meu Professor na época de Geografia Humana, já falei dele), e como meu namorado na época estudava no Colégio Antônio Vieira, os padres de lá é que me deram toda a estrutura para eu realizar a Páscoa e realizar a Comunhão Transformadora. Tempo depois fui entender que eles eram jesuítas, portanto tinham mais autonomia religiosa.

**Claudio Gonçalves:** Os jesuítas?

**Alexandrina Luz:** Os jesuítas, eram mais independentes, eram os únicos que se posicionavam naquela época com mais autonomia. Qual o maior problema? Quando o Cardeal da Bahia morre, Dom Augusto, já velhinho... Então Dom Eugênio Sales, que era reacionário e apoiava a ditadura, é que tinha o controle da Igreja Católica na Arquidiocese de Salvador.

**Claudio Gonçalves:** Do Rio Grande do Norte, né?

**Alexandrina Luz:** Ele vem de fora, exatamente, e vem para Salvador. Foi um choque pra gente, ele destruiu a Ação Católica. As expressões minhas que são pesadas, não é que destruiu, ele impedi, porque a ação católica nós nos encontrávamos, tanto a secundarista quanto a universitária, em salas que a própria Diocese permitia a gente usar. Quando Dom Eugênio chegou [eu fui buscar ele no aeroporto, muito feliz], ele simplesmente tira da gente as salas e bota a gente no Terreiro de Jesus, em uma área da igreja onde era cemitério (em cima de carneiros). A gente se sentia inibidos para rir, tocar violão, cantar, tirou nossa alegria, nossa felicidade..., mas não precisa botar isso não, né? [risos] fui muito revolucionária...

**Josefa Lisboa:** Você voltou um pouco, né?

**Alexandrina Luz:** Não... Eu fui da JEC desde o ginásio, mas esse movimento que falei foi em 1965.

**Josefa Lisboa:** Então já estava ali no auge do debate do Concílio Vaticano II de João XXIII, pronto, então tinha um receio ali, para onde vocês iam caminhar finalmente.

**Alexandrina Luz:** É, exato, a gente tinha um apoio todo mais voltado a Encíclica *mater et magistra*, que é de João XXIII. Mas tinha um lado conservador que era de D. Eugenio Sales, aí ele vem, quando ele vem, aí eu então insisti. Eu era do coral do São Bento. Resultado... Eu então, era dirigente, fiz a Páscoa, como disse a vocês, mas ao mesmo tempo comecei a me afastar da igreja, em reação, mas eu ainda era do coral, e terminei sendo expulsa da igreja. Porque quando Dom Bernardo [que era dirigente masculino e regente do coral] me disse antes

da missa do São Bento – que cantávamos todo domingo no horário das 18 horas - que Dom Eugênio iria celebrar a missa, eu disse que não receberia a comunhão por Dom Eugênio. Ai como eu era primeiro soprano (eram dois sopranos) e por azar, nesse dia [Vera ficou doente], e eu disse que não ia cantar. Eu era muito rebelde, né? [risos] eu sei, eu confesso que não mudei, até melhorei!

**Josefa Lisboa:** Melhorou? [diz brincando]

**Alexandrina Luz:** Melhorei, melhorei ... [risos] aí eu disse a Dom Bernardo que não iria cantar. E ele me ameaçou dizendo: “se não cantar, você vai receber o bilhete azul agora, [o que significava expulsão da igreja]”, fui para missa e não cantei. Você imagine um coral com o Cardeal da Bahia sem primeiro soprano e as músicas são puxadas pelos sopranos. Quem soprou foi o tenor, mas eu não entrei e nem comunguei! Eu disse que ele era fariseu e não fui! [risos] quando acabou a missa, na hora que eu saio, Dom Bernardo [depois eu soube que ele tinha a maior admiração por mim] estava vermelho... “Já sabe!” [disse D. Bernardo], quando ele disse “já sabe”, eu disse “bilhete azul”, *tudo bem*, não voltei mais para igreja. Foi aí que eu rompi definitivamente com a igreja, mas ainda não era marxista.

**Ana Rocha:** Aí acreditava em Deus?

**Alexandrina Luz:** Acreditava em tudo, não só em Deus, acreditava em Jesus, Maria, todas... eu adorava Maria, acreditava em todos os santos!

**Claudio Gonçalves:** Até Ana Rocha lembrou, você já tá aí nesses movimentos, um pouco daqui, um pouco dali...

**Alexandrina Luz:** Não há linearidade, a gente vai entrando nas possibilidades.

**Claudio Gonçalves:** Secundarista, Igreja e a POLOP, né?

**Alexandrina Luz:** A POLOP vem depois, ou melhor, vem já... Quando, então, eu fui expulsa do Central da Bahia, eu já não estou mais na igreja. Eu saí da igreja em 1965, saí depois da Páscoa, continuo a ler muito, muito mesmo! Li toda trilogia de Sartre, todos, tudo! Era encantada, apaixonada! Tinha uma leitura boa de História Econômica, porque quando eu vou ler Revolução Brasileira, eu começo a ler Revolução Brasileira aí em 1965 e 66, faço toda leitura também de “História Sincera da República” de Leon Basbaum, depois esta obra foi censurada, mas eu comprei e li toda. Então a leitura crítica da história era boa, mas na parte filosófica eu ainda não tinha leitura marxista. É quando, ao negar a igreja, ao sair da igreja, começo também a utilizar a dialética da negação. É hegeliana no início. Tipicamente de antinomia, eu não sabia contradições ainda, mas eu sabia dialética hegeliana (lógica formal), aí é quando eu nego Deus a partir do Demônio. Isso é uma antinomia, eu ainda não tinha uma leitura marxista. Aí Josefa é quando eu sou expulsa [relembra sua expulsão do Central], eu

não tenho mais onde estudar, eu estou em casa só lendo, eu estou ainda dentro de uma visão muito existencialista, é quando alguém da POLOP me convida para entrar na POLOP, em 1966, isso vai ser em maio, mais ou menos, logo após a minha expulsão.

**Alexandrina Luz:** Qual era a minha identidade com a POLOP? Por isso eu gosto de dizer, a POLOP era a única organização no Brasil que prezava leitura, para você ver: Mauro Marini, Teotônio dos Santos, Vandira... todos eram da POLOP, na minha época, inclusive, ainda. Alguns saíram depois, Luís Bandeira, o outro que escreveu agora um dos livros mais bonitos, atualmente: *O Fascismo da Cor*, Muniz Sodré, um espetáculo! Aconselho a leitura, é uma contraposição a leitura da escravidão estrutural no Brasil. Aí o que acontece, eu fiquei encantada por causa da leitura. Então, para entrar na POLOP, eu tive que ler o primeiro livro de Engels, que era “Anti-Dühring” em espanhol - castelhano. Foi essa identidade com a POLOP, a leitura teórica, os outros nunca me chamaram para entrar a partir de Teses, e sim pelo ativismo. Quando a POLOP me chama, ela não me chama de imediato para participar de uma ação, eu já atuava na militância, ela me chama, porque primeiro, eu tinha que ler, para formação. Isso me encantou! Eles começam a me dar livros e eu começo a ler. Então, quando eu entrei na POLOP eu saio do meio estudantil.

**Josefa Lisboa:** Se estabelece logo a diferença, né?

**Alexandrina Luz:** A diferença, porque, a primeira coisa que me disseram é “você já é conhecida no meio estudantil”, sendo conhecida no meio estudantil eu não podia mais trabalhar pelo movimento, até porque eu já tinha sido expulsa, é quando eu entro no movimento operário.

**Claudio Gonçalves:** E isso era ruim para militância, né? Ser conhecida no período do regime militar.

**Alexandrina Luz:** Exatamente. Aí eu entro no movimento operário, mas isso foi enquanto já militante leninista - marxista da POLOP.

**Ana Rocha:** Então a POLOP foi a sua entrada no marxismo?

**Alexandrina Luz:** Foi à entrada e fiquei. [risos] por isso que eu digo, eu entrei por formação política, se eu tivesse entrado, talvez, no ativismo, como muitos, talvez tivesse saído, mas como a POLOP dá uma formação muito grande isso ajuda muito, entendeu? Aí foi que eu comecei a ler Marx.

**Josefa Lisboa:** Você estava fora da escola?

**Alexandrina Luz:** Já, eu tinha sido expulsa.

**Josefa Lisboa:** Como foi que você concluiu o ensino médio?

**Alexandrina Luz:** Eu entrei na POLOP, fiquei dentro da POLOP, comecei a ler muito [eles dão muitos livros], eles eram leninistas. Então, como eram leninistas... O debate da ditadura do proletariado surge com a POLOP e aí a gente vai fazendo essa leitura. Josefa, em final de 1966 eu já estava bem engajada dentro da POLOP, é quando, então, em 67 eu ainda não acabei o ensino médio, eu estava expulsa, tanto que o pessoal depois pediu anistia e o pagamento pelo tempo que a gente não pôde estudar, eu não pedi. O que acontece... em 1967 eu sou mandada para São Paulo para organizar o movimento operário em São Paulo pela POLOP. Aí eu vou, estava tendo uma greve [uma das primeiras greves, sob a liderança de Joaquinzão lá em São Paulo], e eu vou para trazer um pessoal que tinha saído de um agrupamento pesado que não me lembro, acho que tinham saído do PC do B. Com a greve em São Paulo, o movimento operário estava começando em Perus, entendeu? O movimento da fábrica de cimento. Eu vou fazer um trabalho no Perus, mas é aí que eu descubro que eu estava grávida [risos]...

**Alexandrina Luz:** Ao descobrir que estou grávida, eu volto para Salvador, no final de 1967. Ao voltar para Salvador, então, eu resolvo fazer [ainda calada, ainda lutando para ver o que eu ia fazer de minha vida], aí eu fiz o supletivo. Era chamado de Madureza...

**Ana Rocha:** Era o Exame de Madureza.

**Alexandrina Luz:** Era chamado de Art. 19 a Art. 21, este é que era o voltado ao ensino médio. Aí eu vou, comecei a fazer, mas não acabei logo, mas eu continuei. Perdão, eu fiz todo. Na realidade eu comecei antes de ir para São Paulo e quando voltei de São Paulo, eu terminei.

**Josefa Lisboa:** É uma espécie de supletivo?

**Ana Rocha:** É como o supletivo!

**Alexandrina Luz:** É, só que a única diferença na época você fazia o português primeiro, se você fosse aprovado no exame oral, você ia fazer a prova escrita, se fosse aprovado no português (média 7,0 mínima em todas as disciplinas), você podia fazer as outras disciplinas. Tinha que fazer seis disciplinas, para poder completar. Eu era boa em literatura, então fiz a Disciplina Literatura Universal. Aí eu passei, eu fiz também Grego, até isso eu aprendi... [risos], fiz antes História, Geografia, inglês. Então aí é que eu tirei o madureza.

**Claudio Gonçalves:** Você vai para Belo Horizonte em algum momento, né?

**Alexandrina Luz:** Aí eu não fui ainda para Belo Horizonte, de imediato. Fui exatamente em 1968, no dia de Carnaval, fevereiro de 68 eu vou para Belo Horizonte, aí, e já tinha rompido com a POLOP.

**Josefa Lisboa:** Como foi a ruptura?

**Alexandrina Luz:** A ruptura foi porque no período que eu estava em São Paulo, São Paulo estava na efervescência de ruptura com a POLOP, surgindo a VAR - Vanguarda Revolucionária que era pela Guerra de Guerrilha. E aí eu tinha contato com o pessoal da VAR, essa é a questão, por outro lado, o pessoal da POLOP de Belo Horizonte também tinha uma parte com a mesma proposta da VAR, que irão formar a Colina. Juntando depois a VAR com a Colina 'que forma a VAR Palmares

**Alexandrina Luz:** Quando eu retorno para Salvador de São Paulo, há um problema muito interno eu tive uma postura em apoio ao pessoal da Colina. Ao posicionar-me em favor do pessoal da Colina, algumas pessoas da POLOP questionam minha atitude, e acham que estou contra a POLOP, então saio da POLOP e fico com o pessoal da Colina, mas com meus limites porque estava grávida.

**Alexandrina Luz:** Aí vou para Minas, em 1968, em fevereiro, no segundo dia de carnaval, não esqueço nunca...

**Ana Rocha:** Já grávida?

**Alexandrina Luz:** Já grávida. Aí vou ficar com a obrigação de ser responsável pela segurança da organização, mas o objetivo era, quando eu, principalmente, tivesse o neném é que eu assumiria mesmo, no momento em que eles teriam já inclusive organizado os aparelhos.

**Claudio Gonçalves:** Não comprehendi. Você tinha rompido já com a POLOP?

**Alexandrina Luz:** Já.

**Claudio Gonçalves:** E vai para Belo Horizonte...

**Alexandrina Luz:** Já ligada à Colina. Eu tive muita sorte graça a André, porque o pessoal que ficou no lugar onde eu iria assumir depois do parto, foi todo mundo morto...assassinado.

**Josefa Lisboa:** Na verdade, ela foi assumir essa função por causa da gravidez também, que era uma função mais reservada, de ficar recebendo coisas.

**Alexandrina Luz:** Exatamente, lendo, traduzindo, eu fiquei muito em tradução. Eu tive que ler muito sobre messianismo, que a gente estava estudando sobre guerrilha a partir das experiências messiânicas, aí eu li muito sobre messianismo. Todos os livros sobre

messianismo no Brasil... destaco o livro de Maria Isaura Pereira de Queiroz, eu tive que ler o livro dela, tive que analisar - e eu discutia, lia muito.

**Josefa Lisboa:** Participava da formação política.

**Alexandrina Luz:** Tinha essa obrigação de ler a experiência, mas de certa forma reservada, porque eu tive filho em junho, aí quando eu tive...

**Ana Rocha:** Eu sou da idade de André e do dia de Alexandre [falando sobre aniversário].

**Alexandrina Luz:** É!

**Josefa Lisboa:** Vocês são de 1968?

**Alexandrina Luz:** E ela nasceu em 1º de agosto, no mesmo dia de Alexandre.

**Ana Rocha:** As nossas vidas se cruzaram duplamente, eu nasci no dia de um filho e no ano do outro.

**Alexandrina Luz:** É, coincidência... [risos]

**Claudio Gonçalves:** Alexandrina, bom, nós estamos nos movimentos políticos, mas a geografia ainda não chegou.

**Alexandrina Luz:** Ainda não.

**Claudio Gonçalves:** Como você vai para na geografia?

**Alexandrina Luz:** Eu não suportava geografia! [risos] lembra que eu disse. Eu não sabia nada.

**Claudio Gonçalves:** E o movimento político pega o período militar todo, quando você entra na universidade, quando é que você vai estudar?

**Alexandrina Luz:** Quando eu volto de Belo Horizonte, por que é que eu volto de Belo Horizonte? Porque estava ocorrendo a greve operária da Monlevade e ao ocorrer a greve de Monlevade [a minha força política toda é mais no movimento político] o pessoal onde eu estava abrigada começa a ser investigado, a polícia vai lá. No dia que a polícia chega eu sou apresentada como empregada, a doméstica da casa. Só que eu era loira, todo estilo, cabelos compridos... Eles desconfiaram.

**Josefa Lisboa:** Não tinha perfil.

**Alexandrina Luz:** Não tinha e para a época, então, era pior, porque hoje você ainda acha, mas naquela época você não encontrava era mais raro uma doméstica branca e loura. Aí o pessoal me aconselha ir embora. No mesmo dia eu tive que sair, arrumei as malas e saí a noite [de madrugada] para o Rio de Janeiro.

**Josefa Lisboa:** Aí você já tinha o André?

**Alexandrina Luz:** Com André, isso foi em setembro de 1968.

**Josefa Lisboa:** Bem novinho...

**Alexandrina Luz:** Por causa da perseguição, aí o pessoal mandou eu ir - “vai embora, vai embora, não fica aqui que você vai ser presa”. Aí eu peguei as malas, fiz, peguei um ônibus Belo Horizonte - Rio, minha irmã e meu irmão estavam fazendo residência médica no Rio de Janeiro. Eu pretendia ficar residindo no Rio de Janeiro, mas com filho pequeno, e com a polícia atrás de mim, resolvo voltar para Salvador. Eu voltei para Salvador escondida ainda, porque tinha também a polícia me procurando em Salvador. Eu fico escondida na casa de uma prima, mas aí foi quando, já no final de 1968, eu me casei. Isso aí não precisa falar, não.

**Josefa Lisboa:** Com o pai de André.

**Alexandrina Luz:** Sim, com o pai de André. Ele era sergipano e estudava geografia, é aí que começa a geografia!

**Claudio Gonçalves:** Ele estudava geografia?

**Alexandrina Luz:** Ele estava se formando em bacharel de geografia!

**Josefa Lisboa:** Mas é importante lembrar que Zé Carlos era um homem da militância.

**Alexandrina Luz:** Ligado ao PCB, por isso essa aproximação. Aí é quando eu caso, é que é tanta história na minha vida!

**Alexandrina Luz:** Vou fazer vestibular, o companheiro estimula para eu fazer vestibular: “você tem que fazer vestibular”, era final do ano de 1968. “Você tem que fazer vestibular, aproveite e vá fazer vestibular, que você tem que acabar com essa mania de não ter o ensino médio...” aí eu vou fazer o vestibular, é o primeiro ano em que o vestibular era unificado, sendo que você tinha que fazer opção, eram três opções, a opção que você fizesse o maior número de pontos, você era classificado. Zé Carlos foi fazer minha inscrição porque eu estava com André pequeno. Ao fazer minha inscrição, ele bota [eu queria primeira opção história, segunda serviço social terceira não tinha opção. [“Geografia”, disse Zé Carlos, “não, não, não

me bote, não me bote, coloque apenas história e serviço social”], só que ele na hora de inscrever botou geografia.

**Alexandrina Luz:** Eu não tinha noção de geografia! A geografia, para mim, era aquela geografia decorativa. Se você me perguntasse onde estava localizado o oceano Atlântico, o que era oceano, eu não sabia de nada disso! Eu fui fazer a prova, coincidentemente, a prova desse ano de geografia foi elaborada pelo grupo de Milton Santos, entendeu? Lígia e Déa Eardens que era ligados ao laboratório de Milton, aí elas elaboraram a prova com questões das obras de Caio Prado, Celso Furtado e Nelson Werneck evidentemente que eu, acertei todas, acho que tirei nessa parte 10! [risos] A prova só tinha uma única pergunta de geografia física que, coincidentemente, foi sobre a tabela de clima de Koeppen, nunca esqueci! Classificação do clima quente e úmido (AW), eu tinha lido na véspera, acertei a prova inteira! Maravilhosa! [risos]

**Alexandrina Luz:** Basta dizer a vocês que quando eu entrei na Universidade Federal da Bahia, meus colegas de geografia diziam “o que é que você está fazendo aqui?! Você já está formada”. No curso de Geografia da Universidade da Bahia a professora Déa Eardens do grupo da geografia humana, muito ligada ao grupo de Milton Santos e eu dominava, eu dominava, foi ser minha Professora. Meu professor de Geografia Econômica (da Economia) e ensinava a Economia Política, eu sabia muito. Tinha sido publicado naquele ano, recentemente, e sendo vendido na Bahia o livro “Imperialismo: a fase superior do Capitalismo”, de Lênin, e eu já tinha lido imediato, o professor chega na sala, ninguém abre a boca e eu dominando totalmente! A minha leitura de geografia era aquela leitura que até hoje eu tenho, que eu domino, mas aprendi a parte da Geografia Física, na minha prática - em sala de aula. E aí vem a questão, exatamente, que eu entrei com muita raiva e passei muito bem, entendeu? E história foi a pior prova que teve, era toda datada e eu não sabia nada, para mim parece que a nota pior que eu tive foi exatamente em história. E eu passei no que eu achava que era história, mas era geografia. (risos)

**Claudio Gonçalves:** Isso aí é 1970, né?

**Alexandrina Luz:** Isso aí é 60... final de 1969. Depois disso, foi proibido, a utilização desses autores na prova, tive sorte! Então eu entrei na Geografia em 1969, na UFBA.

**Josefa Lisboa:** Havia muita força do Milton Santos na Bahia, né?

**Alexandrina Luz:** Muito! Era o grupo dele, era o grupo dele. Ele já estava na França. Ele estava em Estrasburgo, entendeu? Minha irmã, quando foi fazer Pós-graduação geóloga), na época, correspondente a mestrado e doutorado, em Estrasburgo, ele também estava lá (muitos exilados). Milton era conhecido no mundo, inclusive.

**Alexandrina Luz:** Quando eu fui estudar na Bahia, a geografia era toda voltada para a geografia humana, com o grupo de Milton, entendeu? Que era essa visão mais de uma outra geografia, que não era uma geografia decorativa.

**Josefa Lisboa:** Aquela que havia mais avançado naquele período, não é?

**Alexandrina Luz:** Era, bem mais. Por isso que eu dominava, era uma visão crítica. Por isso que houve uma identidade total. Mas, mesmo assim, eu achava que ali estava faltando alguma coisa... [risos] aí eu vou [isso aí é história demais], foi quando eu fiz na UFBA, meu primeiro ano, só que eu fiz o primeiro semestre, meu ex-marido se formou e vem embora para aqui, para Aracaju. Ao vir para Aracaju, então eu termino vindo também, né... Ao vir para aqui, aí eu tinha que me matricular na UFS, não era UFS ainda, não era universidade, era Faculdade de Filosofia, era faculdade, ainda não era universidade, depois é que vai ser criado o CAMPUS de São Cristóvão. Mas terminei sofrendo, porque eu não queria sair da Bahia. Eu rejeitei, eu queria continuar na Bahia, eu não queria vir, aí fiquei sem estudar, eu só fui estudar em 1971, aqui na UFS.

**Josefa Lisboa:** E tinha as duas crianças também.

**Alexandrina Luz:** Sim, duas crianças. Aí quando eu vou estudar aqui, não foi fácil, porque eu tinha que me matricular no segundo ano, mas para eu fazer o segundo ano, aqui era Ciências Humanas e na Bahia o curso de geografia com a reforma ficou ligada a Geociências, e também ocorre a mudança do sistema curricular passando do sistema seriado para sistema de crédito. Interessante, passei por todas as reformas possíveis e impossíveis da educação. Todas! na reforma da lei 5692, eu já era professora. Lutei contra o MEC-USAID (fui para a luta de rua) e vivenciei o MEC-USAID.

**Josefa Lisboa:** Então, quando você voltou para a universidade, aqui, fez a sua transferência, você já era professora aqui em Sergipe?

**Alexandrina Luz:** Não, eu dei muito curso aqui, mas não era professora. O que acontece, é que eu tinha muita leitura, e eu tinha inclusive de história, tinha na parte da Geografia Econômica e eu tinha também muito na Filosofia e era muito conhecida pela minha leitura. Aí quando a Secretaria de Educação oferecia cursos para os professores da rede estadual, eu era chamada para eu dar aula. Dei muita aula, [nos períodos de férias] para professores do Estado, sem ser ainda professora, para colegas que, inclusive, eram professores. E eu dava aula de história, eu era chamada para dar aula de história, eu não dava aula de geografia, eu dava aula de história. Aí depois, em 1972, eu começo a trabalhar como professora a noite de História Econômica e Geografia Econômica, aí eu começo como contratada, para dar aula, em 1972, na Escola de Comércio de Sergipe. Tanto que eu tenho 52 anos de ensino, vou fazer 53 em março que eu ensino. Pronto, aí, eu vou dar aula [de História Econômica e Administrativa e

Geografia Econômica], então, em 1973 eu me formo e ao me formar eu vou dar aula para meninos do primeiro grau e depois para o segundo grau, é aí quando eu vou ter que enfrentar a geografia física, e começar a estudar (Ciências – fundamentos teóricos de física e química) e então eu passei a dominar como professora, embora tenha sido boa aluna em Geomorfologia, mas geomorfologia não é geografia física, entendeu? Eu fui muito boa aluna, em geomorfologia estrutural, geomorfologia climática, litorânea.

**Alexandrina Luz:** Mas eu só aprendi a dominar a geografia física na sala de aula, estudando para dar aula. Aí pronto, começo a ter uma formação, mas eu só vou saber o que é o ensino crítico quando eu vou ter contato com o pessoal ligado a luta do movimento de professores daqui de Sergipe da rede estadual, através da Professora Ana Lúcia, que trouxe Professores da UNICAMP para nos dar formação de Filosofia da Linguagem em Mikhail Bakhtin.

**Ana Rocha:** Aí você termina o curso, começa a trabalhar...

**Alexandrina Luz:** Eu já estava trabalhando desde 1972, me formei em 1973, continuei a trabalhar, aumentei a carga horária como professora de Geografia.

**Ana Rocha:** Aí só volta para a universidade em...?

**Alexandrina Luz:** Aah, demorou muito!

**Ana Rocha:** Foi em 1992?

**Alexandrina Luz:** Eu volto para a universidade em 1988, foram 15 anos, se não me engano, como professora do Estado e na militância do movimento dos professores pelo SINTESE. Quem criou o sindicato foi a gente.

**Ana Rocha:** Esse retorno para universidade, como foi?

**Alexandrina Luz:** Esse foi o seguinte, Ana, eu não gostava do curso da Pós-graduação daqui de geografia, mas eu sabia que tinha que melhorar minha vida, porque eu sentia necessidade de crescer intelectualmente, e financeiramente. Aí foi quando eu começo, exatamente, a ter vontade de continuar a estudar e tenho até hoje. Primeiro pensei em fazer bacharelado, porque na minha época só tinha mestrado, perdão, só tinha licenciatura. Mas aí, quando eu tive vontade de fazer bacharelado, eu vou na universidade, já era no Campus de São Cristóvão. Eu não gostava do curso porque era um curso positivista, eu tinha um preconceito muito grande ao curso, que era positivista, eu não gostava, inclusive, rejeitava totalmente a leitura. Eu saí em 1973, quando eu saí, Professor Alexandre veio dar uma palestra sobre teórica, desde aí eu começo a negar o curso de geografia daqui, em 1973, e nem queria chegar lá.

**Alexandrina Luz:** Mas foi quando eu soube que tinha um professor que era marxista, que era Dieter Heidemann, eu não o conhecia. Aí eu fui chamada pela Professora Tereza Cruz, para eu dar uma palestra no II Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia, que foi aqui em Aracaju, e o curso de geografia não tinha ninguém para apresentar um trabalho voltado a um resultado da geografia na sala de aula. Aí chamaram, o Professor Claudio, que foi diretor do Colégio de Aplicação. Era primo de Rui Belém, eu não me lembro do sobrenome.

**Ana Rocha:** É, eu sei quem é, faleceu...

**Alexandrina Luz:** Foi, eu soube. Mas ele não quis ir, ele era muito tímido, não quis ir. Aí foram atrás de mim, na sala de aula. Foi o meu primeiro trabalho publicado de geografia, eu o tenho até hoje, o primeiro Boletim Nacional de Prática de Ensino de Geografia. Aí eu fui falar sobre minha prática. Eu tinha muitos projetos com a Secretaria da Educação, já muito avançados, marxista, inclusive. Quando eu estava apresentando, o Prof. Dieter, ficou impressionado, segundo ele, porque ele nunca tinha visto ali, nem sabia que existia trabalho marxista dentro da geografia. Quando eu saio para ir embora, ele me para e me convida para eu ir conversar com ele. Foi essa aproximação, aí, entendeu? Eu tinha dois projetos, na época, resultados de minha prática em sala de aula da rede estadual, bem simplório suas escritas, mas escrito dentro da leitura da dialética em Marx, viu?

**Alexandrina Luz:** Depois desse Evento, eu fui visitar Dieter, e ele me chama para eu fazer uma disciplina como ouvinte, lá no curso de mestrado. No primeiro semestre de 1988, aí eu vou. Foi quando, Alexandre também me convida. Aí eu fiz uma disciplina com Alexandre (e outros professores), que era História do Pensamento, e fiz com o Dieter a disciplina Divisão Internacional do Trabalho. E aí me encantei! Com as aulas das duas disciplinas, gostei muito do Professor Alexandre Diniz, mesmo pensando diferente, houve uma identidade muito grande com o Alexandre. Ele é muito competente, sério e ele dava muita leitura.

**Ana Rocha:** Ele é estudioso.

**Alexandrina Luz:** Estudioso, então, me encantei disso dele. Porém eu optei para orientação o Professor Dieter, devido nossa aproximação com a visão marxista, mas sempre fui amiga de Alexandre Diniz, sempre o respeitei, e ele sempre respeitou nossas diferenças de concepções. Tanto que na minha Defesa do Mestrado eu o coloquei na minha Banca. Fiz todas as disciplinas com Alexandre Diniz, ele dizia, Alexandrina vai fazer! A última que ele deu, foi Campesinato: Teoria Agrária. Foi quando conheci a obra de A. Chayanov. Alexandre é quem trouxe a obra de Chayanov para a Geografia no Brasil. Embora, depois, alguns tenham dito ou ficaram em silêncio que foram outras pessoas, mas foi Alexandre Diniz. Ele trouxe o debate do campesinato via turma da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro: Chayanov e Shanin. No mestrado, Professor Alexandre me chamou para eu cursar a disciplina, “e eu respondi, mas Alexandre, eu não tenho mais disciplina a fazer”, porque eu fiz em outros departamentos, em outros cursos. Aí ele disse: “então, fique como ouvinte”. E eu fiquei.

Quando terminei o mestrado ele, então, criou a disciplina, Campesinato e obrigou os 12 orientandos dele a fazerem a disciplina comigo. Foi então que passei a ser Professora do NPGEQ.

**Josefa Lisboa:** Do mestrado?

**Alexandrina Luz:** Do mestrado. Eu ainda não tinha feito nenhum concurso. Era professora substituta no Departamento de Geografia, entrei depois de concursada.

**Josefa Lisboa:** Isso já foi em...

**Ana Rocha:** Você entrou no programa só com o mestrado?

**Alexandrina Luz:** Só com o mestrado. [1990, respondendo à pergunta de Josefa] eu entrei para fazer o mestrado em 1989, só terminei em 1991. Porque naquela época eram três anos, eu tirei em 1991, eu já era professora substituta, tanto que eu fui ser sua professora Josefa, no segundo semestre de 1991 foi quando teve o concurso...

**Alexandrina Luz:** Ela fez a primeira disciplina.

**Alexandrina Luz:** A primeira foi “Problemas de Geografia Humana”, eu dei aula a partir do livro de Vidal de La Blache: Princípios de Geografia Humana. Quando eu fiz concurso, foi a minha sorte, porque meus alunos foram assistir a minha aula e minha leitura da prova. Os professores mais próximos, do sindicato foram também. Porque foi um acordo que eu fiz com a Ana Lúcia, eu fico trabalhando com vocês até nós ganharmos o sindicato, que estava sob a direção há muitos anos do PC do B. Tenho uma carta da Professora Ana Lúcia (Presidente/SINTESE) de agradecimento, onde escreveu: “graças a Alexandrina, nós tivemos o sindicato”, foi quando de fato foi construído o SINTESE então eu saí diretamente da militância e me dediquei à universidade. Embora tenha continuado a dar formação Política. Pelo meu trabalho no SINTESE eu recebi a homenagem de: Sócia Honorífica do SINTESE.

**Josefa Lisboa:** Alexandrina, você chegou como efetiva na UFS em noventa e...?

**Alexandrina Luz:** Em noventa e um. Noventa e um não! Noventa e dois, foi quando teve o concurso. Não foi noventa e dois que teve o concurso? Acho que foi, não lembro.

**Claudio Gonçalves:** Então, a gente tem o final dos 1980, a segunda metade dos anos 80, né? Muito movimentada, porque o regime já estava ali na transição para diretas, né?

**Alexandrina Luz:** É quando começam os concursos, porque não tinha concursos. Os concursos eram internos. O primeiro concurso que teve, a Professora Vera França foi candidata.

**Ana Rocha:** Guta, né?

**Alexandrina Luz:** Sim Guta também.

**Josefa Lisboa:** Eliane...

**Alexandrina Luz:** Não, a Eliane (não sei quando fez), foi Guta e Vera. Passaram as duas, entendeu? Mas aí, essas questões, eu não me aproximei, ainda não fazia parte do Departamento.

**Ana Rocha:** Para entrar no departamento?

**Alexandrina Luz:** No departamento.

**Alexandrina Luz:** Guta entra em 1991, se não me engano...

**Claudio Gonçalves:** O movimento nacional da geografia brasileira também passa aqui por Sergipe, né isso?

**Alexandrina Luz:** AGB.??..

**Claudio Gonçalves:** Esse debate dos anos de final de 1970. Alexandre Diniz era da geografia quantitativa...

**Alexandrina Luz:** Para ser honesta, o que eu sei da verdade, é que embora ele estivesse na AGB (tem arquivo confirmando) nos anos de 1970, a AGB que Alexandre estava, que existia aqui, era a AGB que negava exatamente a participação direta dos estudantes como geógrafos.

**Claudio Gonçalves:** Eu nem diria AGB, eu diria dessa geografia feita em Sergipe, pela universidade mesmo.

**Alexandrina Luz:** Continuou nos anos de 1970 e 1980, com uma força, muito grande, era Geografia neopositivista, trazida por Alexandre Diniz.

**Claudio Gonçalves:** Teorética...

**Alexandrina Luz:** E o Dieter?... Dieter foi embora em 1989.

**Claudio Gonçalves:** Certo, porque ele (Dieter) estava como convidado, visitante.

**Alexandrina Luz:** Ele vem como convidado e ele sai em 1989 em janeiro.

**Claudio Gonçalves:** E isso faz você se aproximar da universidade, agora a universidade, né?  
Como professora.

**Alexandrina Luz:** É, aí que eu entro...

**Claudio Gonçalves:** E aí já é um debate nacional, você já tem, porque prática de ensino, de certa forma, passa a circular também a partir daí, né?

**Alexandrina Luz:** É, eu sempre, nunca deixei meu pé na política, né? Eu sempre fui ligada ao pessoal do sindicato, do SINTESE, e entro também na ADUFS.

**Claudio Gonçalves:** Então você tinha uma atuação para dentro de Sergipe, e também passou a atuar pra fora como professora agora da UFS, né?

**Alexandrina Luz:** Da UFS, sim.

**Claudio Gonçalves:** Aí vem a Pós, né? Que você estava falando...

**Alexandrina Luz:** Na Pós eu entrei de imediato. Entrei imediatamente como professora concursada, após mestrado.

**Claudio Gonçalves:** Porque aí já começa a ter um corpo de estudantes, orientandos. E você é a pessoa, porque eu vou entrar no início dos anos 1990, e você é reconhecida para fora daqui eu estava estudando em Niterói, você era conhecida como a professora marxista, a única daqui, de um lugar que era conhecido como quantitativista.

**Alexandrina Luz:** Mas havia já os alunos, tinha um agrupamento de alunos que tinha uma visão mais da geografia crítica, por causa das leituras de Ruy Moreira, dentro dos encontros da AGB. Já tinha, entre eles Jânio Diniz.

**Claudio Gonçalves:** Jânio é sergipano?

**Alexandrina Luz:** É, sergipano. Ele já tinha uma leitura mais voltada, por causa do DALIGEO, né?

**Josefa Lisboa:** Eloízio?

**Alexandrina Luz:** Eloízio Costa tinha, mas na época ele gostava de se identificar com um Grupo da UFS, que se dizia anarquista.

**Josefa Lisboa:** Rui Belém

**Alexandrina Luz:** Era sim da história – mas era da turma petista.

**Alexandrina Luz:** Mas eu falo da geografia. Na geografia era Jânio Diniz, ele inclusive fez Especialização. Maria Augusta foi orientanda de Dieter. Ela tinha uma visão mais crítica.

**Claudio Gonçalves:** Já não era quantitativista, né?

**Alexandrina Luz:** Ela não era.

**Claudio Gonçalves:** Tinha outras influências na geografia sergipana.

**Ana Rocha:** Mas e a professora Vera França?

**Alexandrina Luz:** Eu não acho que ela era Geógrafa quantitativista. Ela buscava uma visão crítica. Ela usava os dados, mas ela não opera com modelo quantitativista. Vera usa a estatística, (positivismo?), mas não é neopositivismo. Ela nunca foi neopositivista. E isso faz com que se aproxime e tenha uma leitura crítica, mas não é uma visão marxista, é uma leitura mais próxima que não se pode negar, aproximada a uma visão crítica.

**Josefa Lisboa:** Ela, Vera foi desde sempre, da geografia urbana.

**Alexandrina Luz:** Então, não pode dizer que era esse domínio. Tanto que quem foi substituir Alexandre ainda, na época, como professora (eu entrei na vaga de Alexandre Diniz) fui eu, na disciplina Método Quantitativo.

**Claudio Gonçalves:** Na vaga do concurso?

**Alexandrina Luz:** Eu fui, dar aula de geografia Quantitativa, a partir da sua desconstrução, e expliquei e ensinei como método Procedimental, rsrsrs entendeu? Média, mediana, índice de Gini etc

**Ana Rocha:** Dados, dados...

**Josefa Lisboa:** Alexandrina, aí essa fase, você entra na universidade, tem ali um conjunto de disciplinas que ela foi permanecendo, né? Substituta, e emenda. Aí você entra na pós-graduação como professora, os professores eram todos mestres. E você...

**Alexandrina Luz:** Não podia orientar, era chamada de orientadora de estudo, não sei se vocês se lembram.

**Ana Rocha:** Sim.

**Alexandrina Luz:** Áí eu fui orientar Milton e Aureo, como Professora orientadora de Estudos, e passei para o José da Silva Borzacchiello, porque eu não era doutora.

**Josefa Lisboa:** Exatamente e caminhando ali para sua trajetória na pós-graduação. Acho que é importante conversar um pouco como foi a sua trajetória na pós-graduação.

**Ana Rocha:** E aí só para emendar. Uma coisa que eu tenho orgulho por você, porque na condição da professora eu já tenho orgulho daquilo que eu sou tão bem menos, mas assim, como é que você, como professora, com essa trajetória toda, eu acho que uma coisa importante, você formou tanta gente, que sentimento você tem?

**Alexandrina Luz:** Outro dia, o Hidelbrando me disse uma coisa, “Alexandrina, eu preciso fazer uma entrevista com você”, porque é impressionante como todo mundo que você forma da geografia, todo mundo tem uma visão crítica e todos estão dentro do movimento. O que é que você faz?

**Ana Rocha:** Qual é a fórmula?

**Alexandrina Luz:** Ana, é o que eu te digo, o que eu digo? Ana, é tão difícil dizer, por causa da minha sinceridade. Eu vejo a geografia como um canal de militância, entendeu? Eu vejo a geografia como uma possibilidade de eu continuar o que eu sempre fiz, eu não mudei. Eu vejo a geografia como possibilidade de transformação, do meu trabalho, como militância. Eu não me vejo apenas a professora, a docente, né? É o que eu sempre passei para vocês e é o que eu digo também, quem me procura tem alguma sensibilidade também. Quem não tem, não me procura, alguns tem até medo de mim, entendeu? [risos] então, eu vejo claramente, tem uns, claro, mais do que outros, mas não existiu até hoje, ninguém pode chegar para mim só por oportunismo, no mínimo tem que militar. Entendeu? Então, eu sei que eu tenho alunos que hoje não tem um trabalho como o de vocês (não são professoras universitárias), mas abraçam a leitura crítica. Então, eu não sei, Ana, perguntaram a mim como é que eu me sentia de André como reitor, “você não tem orgulho?”, essa palavra não existe dentro de mim. Por quê? Eu não vejo como orgulho, eu não vejo como vaidade, eu vejo como obrigação de transformação social (e sei que ele também). Eu digo de todo o coração a você, de forma mais pura, não estou lhe mentindo, é como eu vejo... E por que eu não largo? Você pensa, “eu estou cansando, Ana”, eu estou cansando, são 52 anos de ensino, entendeu? Eu estou cansando muito. Já estou tentando não fazer as coisas por obrigação, porque eu sou disciplinada. E não estou aguentando ouvir um aluno lhe dizer, “Ale, desculpa eu não lhe mandar...”, bom, a pessoa vai defender um doutorado, não lhe entregou o material faltando poucos meses!! Isso antigamente isso para mim era uma morte! Hoje já não é. Hoje eu já estou entendendo que eu tenho que seguir o ritmo, não o meu mais, mas do próprio aluno. Eu já não tenho mais a exigência que eu tinha da disciplina, entendeu? Aquela exigência e esperança de o aluno mudar. Não sei se você me entende, eu tento mudar...

**Claudio Gonçalves:** A gente já tá falando de pós-graduação, que tem a ver a tua questão com a dela. Como era essa pós-graduação, você já falou, né? Quando você entrou como aluna e professora... E a pós-graduação hoje, assim? Como tu vê?

**Alexandrina Luz:** Mas, como disse, é o sentido da obrigatoriedade, né? E é o que eu passo para eles todos, por isso que eles têm essa responsabilidade, né? Agora, claro que tem uns que abraçam mais do que outros, mas a maior parte tem abraçado, eu digo, para os resultados que eu vejo. Por isso Alexandre Diniz conversou comigo, e disse assim “eu te admiro, Alexandrina, você conseguiu formar orientandos para te substituir”, mas na realidade ninguém forma alguém para substituir, porque ninguém substitui ninguém, Bira.

**Claudio Gonçalves:** Aí não tem uma preocupação de escola, né? Não é uma escola fulana.

**Alexandrina Luz:** Não é. Agora, dentro de uma linha de pensamento, sim, porque eu digo que, basicamente, hoje, eu tenho muitos ex-orientandos e orientandas excelentes, eu acho, que estão dando aula em Instituições superiores, ou na educação básica que ensinam Geografia e todos têm a mesma linha de pensamento. E tem mesmo! Então, você tem a Josefa, tem Ana, certo?, Fabrícia, Vanessa, Marleide, Sócrates, Susane, Wagnervalter, Raimunda Áurea, Lucas Gama, Shiziele, Rosana, Shauane, Danilo Santana, Ricardo, Vanessa Paloma, Júnior, Marcelo, etc, são muitos ... todos tem a mesma leitura de mundo, então, eles não estão aí para me substituir não, mas para assumir um projeto de sociedade, todos eles devem assumir. Não são só eles, né?

**Claudio Gonçalves:** É isso que é importante, pensando aqui na ANPEGE, pós-graduação a nível de Brasil e tal, como você vê também a pós-graduação? E a questão do pesquisador, da pesquisadora, da formação política? Como é que é isso?

**Alexandrina Luz:** Eu acho a pós-graduação acadêmica fundamental. Não discuto aqui a necessidade de um mestrado profissional, são coisas, para mim, bem diferenciadas, mas eu acho que a pós-graduação, como um projeto, deve continuar a formação teórica, eu acho fundamental, mas voltado também à pesquisa de campo e à extensão, por exemplo, o que eu acho que, meus orientandos têm de diferencial, é que eles se formam integralmente. Porque todos têm um compromisso, tanto que são ligados a AGB. Todos também têm um compromisso social, mesmo que não seja AGB, e dentro de um projeto também político de universidade, da educação, de sociedade. Uns mais, outros menos, mas todos têm, todos têm esse compromisso, eu acho fundamental a teoria! Eu tenho muito medo dessa banalização cada vez maior, da perda da teoria como um referencial necessário no amadurecimento do ser humano, do estudante, da academia e isso me preocupa demais. Isso me preocupa... Eu sou, hoje, professora, sinto falta, às vezes, porque eu estou cada vez mais me afastando da área de agrária, porque eu estou mais voltada à Teoria e Epistemologia, mas eu acho fundamental a

pesquisa, eu acho que não existe prática sem teoria. A teoria, se sustenta a partir de uma leitura do envolvimento da pesquisa de campo, certo? Eu acho necessário, acho fundamental.

**Alexandrina Luz:** E a condição de ser professor também, eu acho que a pós-graduação é um caminho para a formação de professores também. Eu não falo só da professora e do professor universitária/o, mas, por exemplo, eu tenho excelentes ex orientand@s professores no Institutos Federais, no ensino médio, na educação básica, entendeu? De alto nível de envolvimento, de leitura, de mundo, que vão, inclusive, para nossos encontros, dar aula, para dar cursos também, certo? Que é outra questão, hoje, também, na pós-graduação, se você me perguntasse [eu não estou falando na nossa particularidade, eu estou falando como um todo], é preciso nos envolvermos mais com a graduação. A gente não pode caminhar separado, entendeu? Sei que é terrível a quantidade de aulas que vocês têm que dar na graduação e na pós, assumir essa responsabilidade, mas a gente precisa trazer mais a graduação, não sei como, não separar graduação e só pós.

**Claudio Gonçalves:** E aí, como é que você vê essa coisa?

**Alexandrina Luz:** Agora, eu acho que você... Você pega a Guiomar, a Guiomar [Germani] tem uma força muito grande no projeto dela, da pesquisa de campo. Ela é muito geógrafa voltada a esse trabalho, já eu tenho mais na formação teórica. Eu acho que nós temos perfis, nesse sentido, um pouco diferenciados, certo?

**Claudio Gonçalves:** Eu pergunto essa coisa dos laboratórios e dos grupos de estudo.

**Alexandrina Luz:** Eu trabalho muito como grupo de estudo. Muito! Por exemplo, o GPECT, Grupo de Pesquisa Estado, Capital, Trabalho, você percebe, ele já se oficializou, é reconhecido nacionalmente.

**Claudio Gonçalves:** Tem 15 anos, né?

**Alexandrina Luz:** Foi oficializado em 2006, quando os grupos de pesquisa foram oficializados pelo CNPq, mas a gente já existia anteriormente. Josefa, desde quando ela entrou no doutorado, ela participava. A gente já funcionava como grupo de estudo. Tínhamos encontros semanais, a gente lutava muito... Era muita preocupação com a leitura.

**Josefa Lisboa:** Fale um pouco da AGB, da sua trajetória na AGB, como você vê a AGB?

**Claudio Gonçalves:** A gente já caminha pro finalzinho, pra encerrar, se tu quiser fazer alguma questão.

**Josefa Lisboa:** Acho que é como você vê a AGB?

**Alexandrina Luz:** Uma difícil pergunta.

**Claudio Gonçalves:** Para a geografia brasileira mesmo, pensando nessa importância.

**Alexandrina Luz:** Eu tentei algumas vezes me aproximar da AGB de Aracaju. Quando eu entrei para fazer mestrado, eu não via mais a AGB, não existia AGB aqui e eu comecei a questionar: por que não existe AGB aqui? Isso em 1988 não se falava aqui em AGB. Eu então tentei me aproximar a partir exatamente do mestrado. Eu fui para o Encontro Nacional da AGB na Bahia, em Salvador, eu não me lembro em que ano foi, parece que em 1990, para o ENG, apresentar trabalho, [foi em 90, quando é derrubado o Muro de Berlim]. Quando entrei na Universidade (local do evento – não lembro) a primeira pergunta que me fizeram foi: “e agora, Alexandrina, acabou o marxismo.” Ai eu, disse que não, disse que o marxismo não tinha acabado, e que essa pergunta era feita por quem não conhecia o que era marxismo. Foi a partir daí que tem início um movimento na geografia, e na própria AGB contra o marxismo, mas também ela se apresentou para mim, por outro lado, nesse momento, durante o ENG de 1990, como uma janela, como uma possibilidade fora da instituição acadêmica, como um ponto fundamental para mim, não só do trabalho político, mas também de trazer a geografia para pensar e agir na sociedade, eu vi a AGB como perspectiva de transformação, o meu perfil, o meu trabalho, de integração nacional. Ou seja, eu vi a AGB como uma forma de não permitir a fragmentação da geografia. Posso então afirmar que desde então até os dias atuais, a AGB é para mim, a possibilidade de trazer a geografia como aglutinadora, de debates, de ações. É a AGB que não deixa, ainda para mim, a geografia morrer, ela não permite o isolamento das instituições, ela não permite ainda o controle e a centralização institucionais/departamentais inclusive, a AGB, para mim, é o caminho de luta e sempre foi, desde aí.

**Alexandrina Luz:** E essa consciência não se deu no período em que fui presidente da AGB, mas eu passei a ver a AGB como possibilidade, desde o ENG de 1990. Ver a AGB como condição de crescimento, resistência, de superação. Mas, por quê? Foi lá, exatamente, nesse encontro nacional [foi o primeiro que eu fui, foi em 1990], e embora eu já tivesse toda formação política, é que eu pude sentir e fazer a ponte, a unidade dessa formação com a Geografia, e isso só foi possível via a AGB. Interessante que eu ouço os depoimentos dos Presidentes da AGB afirmarem que a formação política foi obtida dentro da AGB, entendo que todos quando entram na geografia são jovens, mas no meu caso quando entrei na AGB já estou mais velha e, professora da Universidade, então ao entrar na AGB eu já tinha consolidação teórica e militante, portanto minha formação não se dá dentro da AGB, contudo ela constituiu a estratégia, o meio, o caminho! Porque foi lá no ENG que eu pude encontrar diversas leituras da geografia, a diversidade, o debate teórico, pensar as diversas geografias, pensar a geografia, discutir e até se contrapor a um projeto de geografia nacional. Eu conheci professores, estudantes de diferentes universidades, com diversas concepções... E naquele momento histórico acontecia exatamente o rompimento com a geografia crítica, e eu entrei exatamente no momento do rompimento, do grupo que se colocou como os “pregadores da

“geografia crítica” e estavam se contrapondo e negando a geografia crítica. Então, isso para mim, foi o caminho para pensar como trazer a AGB para aqui (Sergipe), e ao mesmo tempo, foi quando eu vou participar nos encontros, da AGB, tanto regionais, nos EREG, como também no nacional ENG, vou dar palestras, vou dar cursos e eu vou, então, aglutinando, nesse sentido. É onde eu me sinto integrada, dentro de uma leitura da geografia. Por dentro dela, é quando eu, então, penso, como a gente vai fundar a AGB aqui... não é fundar, perdão! É recriar, porque eu descubro que a gente já tinha AGB aqui, até arquivo, com associados, tudo, a gente tem ainda, não perco esse material.

**Alexandrina Luz:** Mas só que ela estava morta! no momento. A AGB que nós assumimos, era uma geografia de uma visão crítica, de uma geografia onde o geógrafo, era tanto o estudante como o professor. Aí a gente começa, nos anos de 1990, a reconstruir a geografia aqui, a recriar a AGB. Funda não! Não pode fundar aquilo que já existia. Recria a geografia, a seção AGB/Aracaju, entendeu? A AGB Aracaju vai ter maior força quando eu fui fazer doutorado.

**Alexandrina Luz:** A gente vai exatamente criar aqui, mas as bases maiores, são possibilitadas por ser professora do departamento de geografia. Então, em 1992, a gente começa a recriar a AGB local, entendeu? Mas ela vai se dar em passos lentos. Quando eu retorno, [já no final do doutorado] e começo a orientar, então meus orientandos também vão ser a força muito grande de ajuda, do coletivo, da AGB. Isso em 2000, 2002 e... Eu voltei do doutorado, sem completar ainda, e retorno à sala de aula em 99. Em 2000, a gente já recria aqui, a local; mas em 2002 é quando iniciamos a organizar o encontro regional (EREG), para 2002 ou 2003, não lembro. E foi também quando meus orientandos iniciam a fazer doutorado, e a trabalhar como professores [até a Josefa já entra também], eles tinham que cursar o doutorado, mestrado e trabalharem na AGB. Então ficavam doidinhas comigo, “como é que você quer que a gente dê conta? Fazendo doutorado e na AGB. Como é que pode dar conta de duas coisas? Como é que separa?” [risos] depois vêm exatamente que é um processo, não tem como diferenciar, não tem! Então, para mim, AGB é a luz! Digamos assim, para a geografia.

**Alexandrina Luz:** Acho que a aproximação da AGB com a ANPEGE foi um passo fundamental, entendeu? E tem sido, quando, então, você chega para mim e fala nessa seção, isso é próprio de quem é agebeano, quem não é agebeano nunca faria um tipo de trabalho, porque a visão é produtivista, entendeu? Não tem noção, não tem essa visão crítica de pensar a AGB como parte da geografia, para mim não tem como não ser parte. Eu sempre fui uma das primeiras associadas, todo ano eu me associo a AGB/Aracaju, eu sou da seção local, com muito orgulho, acho que todos os meus orientandos, basicamente, quase todos, fazem parte. Alguns não, mas a maior parte ainda tem AGB como fazer geografia... Eu não sei se você vai entender, eu não vejo a AGB fora da geografia, nem a geografia fora da AGB... Como hoje eu vejo a ANPEGE, quer dizer, para mim foi uma alegria, eu tive a sorte de estar como Presidente da AGB quando a Professora Maria Geralda era da ANPEGE, ela foi a primeira presidente da ANPEGE que faz a aproximação com a AGB.

**Claudio Gonçalves:** Foi uma feliz coincidência, de aproximação, né?

**Alexandrina Luz:** Eu entro, converso com ela, se eu não me engano, foi ela que começou a buscar essa aproximação.

**Claudio Gonçalves:** E ali você tinha Geralda e Marcelo Mendonça, que são dois geógeanos que estavam na ANPEGE.

**Alexandrina Luz:** Exatamente. É Marcelo, né? Foi Marcelo também.

**Claudio Gonçalves:** Isso, foi Marcelo Mendonça.

**Alexandrina Luz:** Então, a partir daí é que vai se dando a aproximação AGB e ANPEGE.

**Claudio Gonçalves:** Qual era a gestão você e Nelson Rêgo, né?

**Alexandrina Luz:** Sim. Eu, Nelson Rego, Sinthia Batista e Djoni Ross.

**Monica Cox:** Que ano?

**Alexandrina Luz:** Foi 2008 até 2010, nossa gestão terminou em 2010.

**Claudio Gonçalves:** Eu acho que é isso, a gente pode ir encerrando por aqui. Não sei se a Alexandrina queria acrescentar mais alguma coisa...

**Alexandrina Luz:** Não! Eu já falei demais... [risos]

**Monica Cox:** Então, rapidamente, é muito interessante te escutar Alexandrina, porque é entender esse papel da geografia na sociedade, quer dizer, a gente tem muito mais contribuição hoje dessa história e de vocês que estão a mais tempo, porque há contextos hoje que a gente não consegue nem ser entendido quando fala disso, né? Porque, tem essa outra geografia que também está aí dominando, né? E tem o contexto do capitalismo todo, que as pessoas estão numa desesperança, estão como máquinas, entram na universidade para só reproduzir. Mas, para te escutar um pouco disso, a gente vive esse momento, por exemplo, que a geografia teria um papel muito importante na questão hoje da direita crescendo, na questão ambiental, que é ambiental não como ambiental apenas, mas como a totalidade da crise civilizatória. Então, como trazer esse discurso e reflexão?

**Alexandrina Luz:** Olha, eu acordo ontem e hoje, eu só penso numa coisa: como nós da geografia estamos tão atrasadas no debate da imigração.

**Monica Cox:** Olha aí...

**Alexandrina Luz:** Esse é o momento que nós, geógrafas e geógrafos, a ANPEGE, por sinal, temos que tomar uma atitude, e a AGB também, e discutirmos a questão da imigração, esse é um momento crucial, inclusive, dentro de uma análise marxista, que é nada mais do que falar da crise estrutural gravíssima do capitalismo e a forma da barbárie de trazer o trabalho ao pior nível que tem da desvalorização da expropriação da força do trabalho humano.

**Alexandrina Luz:** Então, essa questão do imigrante, é fundamental! Nós estamos precisando discutir, ou seja, é preciso que nós... Por isso que viver a prática, que eu disse, não adianta sem a teoria, ter essa relação com a sociedade a partir da prática é fundamental, para que nós saibamos exatamente o momento em que seja necessário como agirmos como geógrafos, entendeu? Nós estamos num momento em que a geografia deveria ser chamada, mais do que qualquer outra ciência. Somos nós! Ou seja, pensar o mundo é pensar a geografia! Pensar o mundo hoje é falar em geografia, como é que ela está? Como é que o espaço está sendo produzido? De que forma você pode hoje... Você não pode falar “fascismo”, qualquer tipo de paradigma que você usa hoje exige pensar a partir de uma geografia.

**Alexandrina Luz:** É preciso a gente observar como é que está distribuído, como é que estão se processando essas relações no mundo, não posso pensar nada mais isolado, de forma isolada, não tem como! Então, para mim, por exemplo, emerge muito hoje a geografia, como um debate seríssimo, a gente não pode pensar na nossa pós-graduação, nas crises que vivenciamos, sem discutirmos e pensarmos essa leitura de mundo que só a geografia nos permite, só a geografia... Eu não consigo ver diferente. A teoria é fundamental. Quando eu falo teoria, não é o conteudismo, não é simplesmente trazer acumulação de conteúdos, eu falo exatamente em ter a leitura a partir de uma visão de mundo, a partir de trazer, por exemplo, um debate das ciências sociais como totalidade.

**Alexandrina Luz:** É muito grave! Muito grave o que nós estamos passando, aí muita gente diz: “porque você não se desespera”, por quê? Porque eu tenho a consciência política, e sempre tive, dessa situação, sempre tive, não! A partir da leitura das contradições, e não como antinomia. Não! É preciso ver e ler o mundo a partir das contradições, no movimento histórico processual. Tínhamos um Grupo de Estudos marxista (eu, André Maurício, Ariel, Fábio, Vanessa Paloma, Danilo Santana, Shauane) chamado Spartacus, era um grupo que a gente fez por dez anos, nos encontramos semanalmente para ler Marx, lemos toda a obra do Capital, e iniciamos com o livro de István Mészáros ‘Para Além do Capital’, por isto, quando eu ouço o pessoal falando “o capitalismo está em crise”, eu digo, leia Mészáros, lá em Mészáros, desde 2001, ele mostra claramente que o centro da crise vai se dar dentro dos Estados Unidos. É esse acúmulo de leituras, e não de ativismo, que vai nos permitir ter a capacidade de ver o mundo, antes que ele seja destruído.

**Alexandrina Luz:** Quando eu entrei na POLOP, o primeiro texto, o primeiro artigo que me pediram para escrever foi sobre a política de arrocho salarial do governo militar (1967), me pediram para escrever sobre uma ação do governo naquele momento conjuntural. Naquela época, ao escrever você datilografava e imprimia via mimeógrafo, o mimeógrafo a álcool, e na clandestinidade, o fato é que quando meu texto foi publicado, o tempo já tinha passado, e o debate, central que motivou a minha escrita também. Eu não entendi, não compreendia por que já tinha passado o debate real da conjuntura, faltava-me a compreensão do método dialético. Metaforicamente, eu não entendia que, para que os bois não venham atrás dos carros, para que os bois movimentem o carro (a história), nós, sujeitos históricos sociais (os bois), devemos movimentar a história. É preciso que a gente tenha uma leitura da realidade concreta para mudar o hoje. É preciso ter a leitura do “porquê” de forma processual e da totalidade, para entender o que virá, então, eu digo o método é fundamental. O método dialético nos permite compreender o movimento das contradições, para interpretar esse movimento antes que ele nos escape, digamos assim, das nossas próprias mãos, ou seja, da nossa capacidade de reagirmos sobre ele e o transformar. Eu acredito na pós, porque ela é quem aprimora muito essa possibilidade, ao menos deveria... deveria... se vai aprimorar, não sei. [risos] E os encontros das AGBs são fundamentais. E da ANPEGE também, porque ela alimenta essa possibilidade de debate, da discussão. Não sei se lhe respondi... [risos]

**Monica Cox:** Maravilha!

**Claudio Gonçalves:** Obrigado, em nome da ANPEGE, mas mais que a ANPEGE em nome da Geografia brasileira, por este encontro gostoso e essa prosa boa contigo e conhecer sobre a sua trajetória e aprender um pouco mais sobre a história da Geografia.

## Referência

CONCEIÇÃO, Alexandrina Luz; CARLO, Ana Fani A.; SOUZA NETO, Manoel F. de; Del Gaudio, Rogata. S. (Orgs.). Marx, a geografia e a teoria crítica. Editora Consequência, Rio de Janeiro, 2023.

CONCEIÇÃO, Alexandrina Luz. Usos e abusos da categoria território. Revista da ANPEGE, Rio Claro, vol. 17, n.32, 2021.

CONCEIÇÃO, Alexandrina Luz. Produção do Espaço e Conflitos Territoriais: Expropriação da terra e exploração da natureza. In; (Org.) SUERTEGARAY, D. M. (et.al.). Geografia e Conjuntura Brasileira. 1<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, Consequência Editora, 2017.

SANTOS, Ana Rocha dos. Sobre pensar e ser geógrafa: vida e história que se confundem com a prática transformadora da realidade – uma homenagem a Alexandrina Luz Conceição. Revista Geonordeste, São Cristovão, vol. 31, n. 2, 2020.

## SOBRE OS AUTORES

**Claudio Ubiratan Gonçalves**  - Professor Associado da Universidade Federal de Pernambuco (Graduação e Pós-Graduação). Membro do Grupo de Trabalho do CLACSO Pensamiento Geográfico Crítico Latinoamericano desde 2016. Participa do Grupo de Trabalho de Assuntos Agrários da Associação dos Geógrafos Brasileiros. É tutor do Programa de Educação Tutorial de Geografia da UFPE. Coordena o LEPEC - Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Espaço Agrário e Campesinato do CNPq.

E-mail: claudio.ubiratan@ufpe.br

**Ana Rocha dos Santos**  - Atualmente é profa. titular da Universidade Federal de Sergipe - Campus Prof. Alberto Carvalho e do Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO-UFS). Atua como pesquisadora do Observatório das Metrópoles - Núcleo Aracaju. É líder do Grupo de Pesquisa em Estudos Urbano-regionais, Política e Educação (GRUPE).

E-mail: ana.rochaufs@gmail.com

**Josefa de Lisboa Santos**  - Professora Titular do Depto. de Geografia da Universidade Federal de Sergipe. Fez Estágio Pós-Doutoral na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - FCT/UNESP, Campus de Presidente Prudente, junto ao Centro de Estudos de Geografia do Trabalho-CEGeT, com intercâmbio na Universidad de la Habana (2015-16). É professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia, atuando como Vice Coordenadora (2009-13) e Coordenadora (2013-15); Coordena o Laboratório de Estudos Territoriais (LATER/PPGEO) e é líder do Grupo de Pesquisa Relação Sociedade Natureza e Produção do Espaço-PROGEO/UFS/CNPq; Coordenou o Comitê de Pós-Graduação em Ciências Humanas (2014-15); Dirigiu o Sindicato dos Docentes - ADUFS nos períodos 2020-22 (vice-presidente) e 2022-2024 (Presidente). Criou e coordenou o Programa de Educação Tutorial de Geografia do campus Prof. Alberto Carvalho, Itabaiana (PET/MEC, 2010), até 2015.

E-mail: josefalisa@uol.com.br

**Mônica Cox de Britto Pereira**  - Pós-Doutorado na Universidade de Buenos Aires/ Instituto Gino Germani. Doutora pelo CPDA-UFRJ em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (Ciências Sociais), Mestre pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro - UFRJ, Graduada pela UFRJ. Professora Associada da Universidade Federal de Pernambuco, Departamento de Ciências Geográficas, Professora da Graduação em Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia. Integrante GT CLACSO Estudos Críticos do Desenvolvimento Rural. Integrante Coordenação Colegiada GT Construção do

Conhecimento Agroecológico ABA Agroecologia. Integrante GT Mulheres Aba Agroecologia. Coordena o NEPPAG - Núcleo de Educação, Pesquisa e Práticas em Agroecologia e Geografia. Desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão. Atua nas seguintes áreas: Ecologia Política; Conflitos Socioambientais Territoriais; Agroecologia, Agricultura Urbana; Epistemologias do Sul; Construção do Conhecimento Agroecológico; Soberania Alimentar, Agrobiodiversidade, Feiras e Protagonismo Mulheres; Sociedade e Natureza; Assentamentos Rurais, Reforma Agrária e Meio Ambiente; Agricultura e Unidades de Conservação; Movimentos Sociais, Campesinato, Povos e Comunidades Tradicionais Tradicionais; Extensão/ Comunicação e Metodologias Participativas. Participa da Renda- Rede Nordeste de Núcleos de Agroecologia. Coordenou Projeto Renda Cnpq Ufpe ABA/ 2015 a 2017. Participa ABA Agroecologia e AGB.

E-mail: monicacoxbp@gmail.com

**Data de submissão: 01 de novembro de 2025**

**Aceito para publicação: 15 de dezembro de 2025**

**Data de publicação: 22 de dezembro de 2025**